



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de encerramento do seminário empresarial Brasil-Holanda**

São Paulo-SP, 02 de março de 2009

Se o Brasil for para a final com a Holanda, o Primeiro-Ministro será convidado, certamente, ou alguém que estará presidindo o País. Eu quero estar lá como torcedor para ver o Primeiro-Ministro vestido com a camisa da Seleção brasileira e, certamente, o presidente do Brasil com a camisa da Holanda. Vão ser os dois muito vaiados mas, de qualquer forma, faz parte da prática esportiva brasileira.

Excelentíssimo senhor Jan Peter Balkenende, primeiro-ministro do Reino dos Países Baixos,

Ministros brasileiros,

Ministros dos Países Baixos,

Minha cara Alda Marcantonio, prefeita interina da cidade de São Paulo,

Paulo Skaf, presidente da Fiesp,

Representantes dos empresários dos Países Baixos,

Representantes dos empresários brasileiros,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu penso que o fato de o Primeiro-Ministro estar nos visitando hoje, aqui na sede da Fiesp, é a consolidação de uma história de relações muito fortes entre os Países Baixos e o Brasil. Todo mundo sabe o significado das relações Brasil e Holanda. Todo mundo sabe da confiança que as empresas holandesas têm tido no Brasil, e também todo mundo sabe que não faz muito tempo que o Brasil começou a ter empresas multinacionais.

Os empresários brasileiros sabem que não faz muito tempo, nós estávamos em Angola, quando eu disse que os empresários brasileiros



precisariam não ter medo de virar grandes multinacionais e começar a se expandir pelo mundo afora. Eu me lembro que um jornal aqui de São Paulo fez até uma crítica, dizendo que eu estava criticando os empresários quando, na verdade, eu estava exortando os empresários brasileiros a se transformarem em empresas multinacionais e a não terem medo de competir em um mundo cada vez mais globalizado.

Eu tenho um discurso por escrito, Primeiro-Ministro, mas eu pretendo deixá-lo de lado e falar um pouco com a alma de um brasileiro que acredita muito nas perspectivas das nossas relações e nas perspectivas do nosso país.

É verdade que estamos enfrentando uma crise econômico-financeira mundial que não estava prevista em nossas discussões um ano atrás e tampouco tínhamos a dimensão, dessa crise, que temos hoje. Tampouco sabíamos que o mundo inteiro estava envolvido, porque em um primeiro momento era uma crise do *subprime* americano, e em um segundo momento é que nós descobrimos que, mais do que o *subprime*, nós tínhamos um sistema de especulação que levou o sistema financeiro internacional a quase quebrar. Sobretudo bancos, que nós tínhamos uma dimensão de que seria praticamente impossível quebrarem, quebraram.

E fica mais claro para nós, Primeiro-Ministro, o que aconteceu em julho do ano passado, com o aumento dos alimentos e com [o aumento] do petróleo. É muito engraçado, porque eu nunca encontrei uma explicação de por que o petróleo saiu de US\$ 30 o barril e foi para US\$ 150 o barril em pouco tempo. Da mesma forma, nunca me deram uma explicação, nem na reunião do G-8, de por que a soja tinha tido o crescimento extraordinário que teve, de maio a outubro do ano passado. Era inexplicável. Alguns logo disseram: “é por conta do biodiesel no Brasil”. Eu dizia: é porque tem mais pobres comendo, no mundo. Tem mais chineses comendo, tem mais indianos comendo, tem mais africanos comendo. E, possivelmente, nem eu era dono da verdade absoluta, como aqueles que culpavam o biodiesel estavam mentindo, como aqueles que



diziam que era apenas pelo aumento do consumo da China também não estavam falando a verdade. A verdade é que tinha muita gente ganhando dinheiro às custas da especulação do petróleo e dos alimentos no mercado futuro. Tinha muita gente apostando com coisas muito sérias, e que não deveriam merecer as apostas que vinham fazendo.

Hoje o petróleo já caiu a US\$ 40, o alimento voltou à normalidade. E nós agora temos a responsabilidade, quando nos encontrarmos no dia 2 de abril, em Londres, de ter uma discussão política sobre os rumos do setor financeiro internacional. Vamos ter que criar normatização, vamos ter que definir o papel de quem vai fiscalizar o sistema financeiro. Uma coisa todos nós temos que ter clara: essa crise talvez seja a lição do século XXI, que o mundo já tinha tido em 1929. Essa é uma oportunidade para que a gente repense um pouco uma regulação das finanças internacionais, uma regulação dos paraísos fiscais, um novo papel para o Fundo Monetário Internacional, um novo papel para os bancos centrais.

Certamente, nenhum de nós tem a saída perfeita para que os países saiam da crise. Nós temos inquietações, cada país está tomando as medidas adequadas que tem que tomar, pensando no seu mercado interno e na sobrevivência da sua economia. E pesam sobre nós algumas responsabilidades muito grandes. Por exemplo, nós não temos o direito de aceitar o protecionismo como solução para essa crise. Pode ser que uma ou outra empresa esteja a exigir de nós maiores cuidados internos. Mas o protecionismo, certamente, levará ao aprofundamento dessa crise. Se os americanos se fecharem, se a Europa se fechar, se o Brasil se fechar, a crise ganhará uma dimensão muito maior. E aí, em vez de solução, nós poderemos ter o caos. Portanto, a saída para essa crise é mais mercado, mais livre comércio e mais concorrência, como o mundo desenvolvido sempre falou nesses últimos trinta anos.



Por isso é importante, Primeiro-Ministro, que Vossa Excelência, eu como representante do Brasil, e outros presidentes, como o Sarkozy, como o Gordon Brown, como os presidentes dos Bric's estejamos juntos para normatizar algumas coisas no sistema financeiro. Mas, sobretudo, fazer um discurso forte contra o protecionismo e reabrir as negociações da Rodada de Doha, para que os países mais pobres não se tornem miseráveis com uma crise que eles não tiveram culpa e, portanto, não podem pagar a conta.

É uma tarefa difícil. Eu digo todos os dias, Primeiro-Ministro, que eu estou rezando muito mais pelo presidente Obama do que por mim mesmo, porque eu acho que o problema dele é muito, muito, infinitamente maior do que o seu e do que o meu. Apesar da grandeza dos Estados Unidos, apesar da riqueza dos Estados Unidos, apesar do PIB dos Estados Unidos, o buraco lá é muito grande. E eu estou sempre rezando para que ele tome medidas acertadas, para que possa paralisar essa crise, mesmo que não retome o crescimento neste ano, mas que retome o crescimento no próximo ano, porque se essa crise demorar muito, a crise nos países pobres causará danos irreparáveis na próxima década.

Justamente agora, que estava tudo mais ou menos certo. A América Latina inteira crescendo, a África aprendendo a conviver com a democracia. Aliás, um parênteses aqui no meu discurso para um protesto contra o que aconteceu em Guiné-Bissau hoje, quando mataram, pela madrugada, o presidente, e ontem à tarde tinham matado o comandante das Forças Armadas de Guiné-Bissau. Eu acho que nós, aqui neste plenário, não podemos nos calar diante de mais um atentado contra uma democracia incipiente que estava se construindo. Esse tipo de comportamento nós não podemos aceitar. Daí porque o meu protesto contra os acontecimentos de Guiné-Bissau.

Mas, voltando, Primeiro-Ministro, às possibilidades que nós temos, eu estou certo de que a inquietação que existe hoje junto aos principais líderes mundiais, vai exigir que nós tomemos algumas medidas políticas e não apenas



[fiquemos] discutindo a questão econômico-financeira. E quais são as questões políticas que nós temos que discutir?

Durante todo o século XX, ou pelo menos metade do século XX, o Estado foi aos poucos sendo negado, sequer [foi tratado] como indutor do desenvolvimento dos nossos países. Nas últimas três décadas se criou a imagem de que o mercado por si só resolveria todos os problemas: da produção, da oferta, da distribuição de renda. O que nós estamos assistindo agora? Estamos assistindo a grandes teóricos da economia mundial dizerem que não existe outra saída, se não os primeiros-ministros e os presidentes estatizarem o sistema financeiro como possibilidade de salvar a economia americana e alguns países da Europa.

Eu não sei se vão estatizar ou não. O dado concreto é que aqui no Brasil nós temos o exemplo da solidez de um sistema financeiro, certamente calçado em bancos públicos brasileiros que cuidam da agricultura, que cuidam da habitação e do saneamento básico e que cuidam dos investimentos em projetos de desenvolvimento. Ou seja, o BNDES, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, que representam quase 50% de todo o crédito disponível no Brasil, são uma segurança que nos permite olhar para o resto do mundo e dizer que aqui no Brasil, embora não sejamos tão ricos como outros países, nós estamos mais seguros do que outros países.

Eu dizia ao Primeiro-Ministro que nós temos um problema a resolver no Brasil, que é um problema de crédito, ainda. De duas ordens: primeiro, o crédito externo, que muitas empresas brasileiras, como a Petrobras, para citar um exemplo, buscavam lá fora e, não tendo lá fora, começam a buscar no mercado interno. Então, grandes empresas, estão disputando com pequenas e médias empresas um crédito que até então estava disponível aqui no Brasil. Essa é uma coisa que nós tentamos resolver colocando US\$ 36 bilhões das nossas reservas à disposição dessas empresas e também de empresas que tinham contas em dólar para pagar, com contratos fechando este ano.



A segunda coisa que nós ainda temos que resolver, e essa é uma discussão crônica em nosso país, é que pelo fato de 30% do crédito de fora ter vindo buscar solução no mercado interno, nós estamos hoje com um processo de maior seletividade dos bancos brasileiros. Então, o *spread* bancário ficou muito mais caro e muito mais seletivo. Portanto, a exigência é muito maior. Esse é um problema que nós temos que resolver, porque somente o crédito é capaz de reativar a pequena e a média empresa brasileira, é capaz de permitir que ela tenha acesso a capital de giro, é capaz de manter a agricultura brasileira com a qualidade produtiva que ela tem [tido] nos últimos anos e, ao mesmo tempo, é capaz de manter as grandes indústrias brasileiras produzindo, sobretudo as do setor automobilístico, que teve uma belíssima recuperação no mês de fevereiro.

Bem, o Brasil não está ilhado, Primeiro-Ministro. O Brasil faz parte de um mundo globalizado e, portanto, o Brasil não está livre dessa crise, como todos os países estão. A diferença é que enquanto alguns países entrarão em recessão, o Brasil sofrerá uma desaceleração do seu crescimento, que vinha em um patamar extraordinário.

Eu estou convencido de que a sua vinda ao Brasil, com a participação de empresários dos Países Baixos, de empresas como a Unilever que já tem 90 anos no Brasil, a Shell que já tem 95... Eu acho que tem empresa holandesa que veio para cá com o Imperador, de tanto tempo que elas estão aqui. Pessoas que conhecem o Brasil, pessoas que sabem da seriedade com que nós tratamos a questão macroeconômica neste país, pessoas que sabem da estabilidade que nós mantivemos neste país, pessoas que sabem do sacrifício que nós fizemos para garantir que o Brasil tivesse respeitabilidade internacional. Que as pessoas não vissem o Brasil como um “paisinho” qualquer, mas um país com seriedade, um país que hoje tem uma dívida pública representando apenas 36% do seu Produto Interno Bruto. E é preciso procurar no mundo qual país que tem a dívida pública menor que o Brasil hoje.



Portanto, é um país que, embora tenha que ter uma política fiscal séria, ao mesmo tempo é um país que tem capacidade de se endividar para fazer o que precisa fazer na questão de infraestrutura, tão atrasada e tão esquecida neste país durante quase três décadas.

A sua visita ao Brasil, a sua visita à Petrobras, a sua visita à Fiesp, o seu contato com empresários brasileiros, a sua visita à Embraer, a sua visita à Universidade de Piracicaba para conhecer a revolução do biocombustível no País, certamente irá permitir que Brasil e Holanda se transformem em parceiros ainda muito mais fortes, ainda muito mais unidos para que, juntos, a gente possa interceder no G-20 e que, juntos, a gente possa crescer as nossas economias e, juntos, fazer crescer países africanos que precisam de parcerias para produzir biocombustível, sobretudo produzir etanol com a tecnologia que nós adquirimos.

Eu estou convencido, Primeiro-Ministro... nós já nos encontramos três vezes, em um ano e meio, vamos nos encontrar em Londres agora, certamente nos encontraremos na ONU em setembro, ou seja, possivelmente nós seremos o presidente e o primeiro-ministro dos Países Baixos que mais se encontraram na história. Mas muitos encontros, se não derem resultado produtivo, também não serão negativos.

Eu espero que Vossa Excelência e o seu governo, eu aqui e o meu governo, e que os empresários dos dois países assumam a responsabilidade de que nós ainda temos um potencial extraordinário a ser explorado, que ainda não exploramos.

Eu dizia agora que o Brasil sairá dessa crise muito mais fortalecido do que entrou. E falo isso com convicção, falo isso como alguém que não está disposto a fazer experiência econômica. Porque aqui no Brasil sempre teve os teóricos que faziam da política monetária e da política econômica teses acadêmicas. Não davam certo, o povo ficava com o prejuízo, e aquele que tinha cometido o erro ia virar consultor e dar palestras para aqueles que eles



tenham prejudicado.

Eu falo isso, meu Primeiro-Ministro, com a convicção de que não há hipótese de o Brasil diminuir um dólar dos investimentos que estão previstos no Programa de Aceleração do Crescimento; de que não diminuiremos um dólar nos investimentos da Petrobras. E para mostrar que nós não estamos brincando nós vamos anunciar, nos próximos dias, um programa de construção de 1 milhão de casas populares neste país.

E aqui é um desafio – viu, Paulo? – para os empresários brasileiros. Eu já vi, em matérias de jornais, os empresários dizendo: “não temos condições de construir 1 milhão de casas”. E é bem possível, porque durante muitas décadas a construção civil brasileira foi desmontada, e nós agora estamos em um processo de recuperação.

Nós estamos convencidos de que as obras do PAC, esse projeto que estamos fazendo, de habitação, com o dinamismo da agricultura brasileira, com o programa que nós fizemos, “Mais Alimentos”, [para] financiar 25 bilhões para a compra de tratores e máquinas agrícolas, com a nossa perspectiva de trabalhar... E aqui outra vez um desafio aos empresários brasileiros, sobretudo, Miguel Jorge, a você também. Nós estamos já há alguns meses discutindo a renovação da frota de caminhões neste país, nós queremos fazer renovação de geladeira, nós queremos fazer renovação de fogão. Ou seja, o que nós queremos é criar as condições para que a indústria brasileira volte a produzir. E isso só será possível se tiver o ingrediente maior, que é passar confiança ao povo brasileiro. Se a gente ficar com medo de comprar aquilo que é necessário, se o empresário não estiver disposto a fazer um sacrifício de ganhar um tiquinho a menos, se os trabalhadores não estiverem dispostos a abrir um pouquinho, e se o governo não estiver disposto a ceder naquilo que for necessário, nós poderemos ter a economia brasileira sofrendo prejuízos enormes.

Então, Primeiro-Ministro, há uma chance enorme de crescer os



investimentos dos Países Baixos no Brasil. E há possibilidades enormes de que empresas brasileiras aprendam com os holandeses, e sobretudo o governo brasileiro, como é que os portos funcionam tão bem nos Países Baixos.

Se todos nós estivermos convencidos de que nós vamos vencer essa crise utilizando metodologias diferentes do que as que utilizamos no século passado, e de que o melhor ingrediente é o aumento do comércio e o aumento da produção, nós sairemos dessa crise com uma certa facilidade.

Eu queria pedir ao Primeiro-Ministro que também rezasse pelo Obama, porque uma reza lá na outra parte do continente e uma reza aqui pode ajudar o Obama a tomar as decisões sábias que o mundo precisa que ele tome, que o Congresso americano compreenda a gravidade da crise, e que as pessoas compreendam que o momento não é de fazer politicagem com a crise econômica. O momento é de tomar decisões políticas, para que os inocentes não paguem pela irresponsabilidade daqueles que causaram esta crise.

Seja bem-vindo ao nosso país e boa estadia aqui em São Paulo. Um abraço.

(\$211A)